



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Momento de sonho

Vivemos um momento tão difícil, tão distópico, que me deu vontade falar do sonho. Uma grande amiga me disse que conseguiu transformar as principais utopias em realidade. Vou investigar melhor e depois conto para vocês. Mas, antes, evocarei outra história que vai por tri-lha semelhante.

Oscar Niemeyer escreveu: “É preciso sonhar para as coisas acontecerem”. Sou um praticante fervoroso da frase. De fato,

tudo começa em nosso desejo. Só que, raramente, as coisas sucedem de maneira imaginada. Muitas vezes, os nossos sonhos são escritos por linhas tortas e caminhos imprevistos. Fazemos nossos planos, mas os deuses também jogam seus dados.

Aspiro e me empenho em alcançar a sabedoria dos monges budistas que nada desejam, pois se a gente conseguir ascender a esse estado, tudo que vier será lucro. No entanto, receio que talvez não atinja tal estado de beatitude nesta encarnação. Na verdade, sou, essencialmente, devaneante, desejante e mesmo delirante, a ponto de suscitar o seguinte comentário de um amigo: “Você é uma pessoa com os pés no chão. De Marte”.

Sempre tive a vontade de construir uma casa a partir do marco zero, segundo o meu projeto. Podem me acusar de veleidade, todavia, quem não tiver nenhuma atire a primeira pedra. Se o colega Rubem Braga conseguiu comprar, quase sem nenhum dinheiro, uma cobertura em Ipanema, porque não poderia eu erguer uma caxixola no meio do Cerrado inóspito?

Armado por essa lógica implacável, fiz uma varredura nos sites imobiliários em busca de algo muito difícil de encontrar nos tempos em que os imóveis são cotados em surreais, a moeda imperante na capital do país; um lote de tamanho razoável, bem localizado e barato. Dirigi-me até o terreno, situado em um

condomínio agreste e, ao chegar, deparei-me com a presença de duas corujas-buraqueiras, que, imediatamente, deram gritos de guerra para defender o território.

Estava olhando o lote quando resolvi caminhar um pouco para conhecer o entorno. Ao enveredar por uma rua, avistei um sujeito barbado. Puxei conversa e, em sotaque rascante de nordestino, ele logo fez um mapeamento irreverente dos personagens, das supostas roubalheiras, das vantagens e das desvantagens do condomínio.

Sem papas na língua, indagou se eu planejava construir a casa imediatamente. Em um assomo de falsa sensatez, respondi que, primeiro, eu tinha de

comprar o lote. E, mesmo assim, não adiantaria apenas a intenção; era preciso dinheiro.

Neste momento, em um tom, a um só tempo, grave e jocoso, ele me replicou com a veemência dos profetas: “Meu amigo, nunca diga isso, que não tem dinheiro. Você não sabe quais são os planos de Deus. Podem acontecer coisas imprevisíveis em nossas vidas e, inclusive, as favoráveis. Chega a ser uma arrogância da sua parte contra as instâncias superiores afirmar que deixará de realizar um sonho porque não tem dinheiro. Nunca repita isso, meu amigo. Diga o seguinte: ‘Tenho, mas os recursos ainda não estão disponíveis no momento’”.

Secom/MPDFT



A obra reúne relatos de 18 mulheres privadas de liberdade

Trechos do livro

"Teve uma vez que ele (meu ex-marido) não tinha nada para vender e queria levar nosso filho pequeno pra trocar por drogas. Ele me incentivou a usar crack, dizendo para eu ter a experiência e que ele ia me controlar"
Maria Gilda D. C.

"Acabei vendo o crime durante a minha infância, entrei nele no começo da adolescência e, assim como a minha mãe biológica, acabei vindo parar na cadeia. Espero, sinceramente, que seja isso uma maldição hereditária, uma praga ou ciclo, que isso acabe aqui"
Beatriz C. R.

"Fui crescendo e podendo me defender do racismo que a sociedade me causava, deixando várias marcas de dor e trauma. Em algumas partes da minha vida, me senti fraca, mas nunca me arrependi das minhas decisões. Hoje a escola me deu a chance de descobrir um mundo cheio de possibilidades e oportunidades"
Iara Cristina C. C.

Vozes além do cárcere

Livro reúne relatos de mulheres privadas de liberdade no DF e propõe, por meio da escrita e da escuta, a desconstrução de estigmas e a valorização da dignidade além do crime

» ANA CAROLINA ALVES

"Passei por momentos difíceis em minha vida, mas sei que isso não é justificativa para entrar na vida do crime". O relato é da interna Danielly C. F. B. L. e integra o livro *Além das Grades, Dentro de Mim: relatos autobiográficos de mulheres na prisão*. A publicação é uma iniciativa conduzida pelo Núcleo de Controle e Fiscalização do Sistema Prisional (Nupri), do Ministério Público do Distrito Federal e dos Territórios (MPDFT), em parceria com a Penitenciária Feminina do Distrito Federal (PFDF) e o Centro Educacional (CED) 1.

A obra reúne relatos impactantes de 18 mulheres privadas de liberdade que participaram do projeto e compartilharam vivências

marcadas por experiências anteriores ao cárcere, o que as levou para o sistema prisional e os sonhos, expectativas e desafios projetados para o momento da liberdade. As narrativas revelam trajetórias atravessadas por vulnerabilidades sociais, rupturas familiares, violência e, ao mesmo tempo, por reflexões profundas sobre escolhas, responsabilidades e possibilidades de mudança.

Projetado e organizado pelos servidores do MPDFT Camila Oliveira Souza e Diogo Abe Ribeiro, o livro nasceu da proposta de desconstruir estigmas historicamente associados às mulheres encarceradas. "Nós, que trabalhamos no sistema prisional, percebemos que existem estigmas muito fortes ainda em relação à população carcerária. Isso implica, inclusive,

discursos de negação de direitos, validação de práticas de tortura e maus-tratos", afirmou Diogo. "Nosso objetivo era mudar um pouco esse pensamento, mostrando que existe uma humanidade para além do crime", completou.

Como parte do processo, as internas participantes do Projeto (Re) escrevendo Vidas: Vozes Femininas no Cárcere integraram oficinas temáticas semanais, pensadas como espaços de escuta, reflexão e fortalecimento da autoestima e dos vínculos sociais. "As oficinas foram um meio de não só trazer reflexão, como extrair informações delas de acordo com o perfil e dificuldades de cada uma. Não foi só pensando no produto final, mas também como um processo de autorreflexão para elas", destacou Camila.

Segundo ela, a adesão das participantes superou as expectativas. "Aderiram muito bem, foram muito receptivas tanto ao projeto quanto às oficinas e se esforçaram muito, escreveram e cumpriram o que a gente pediam, estavam bem abertas", explicou.

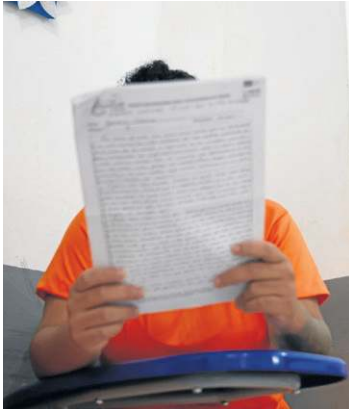
As oficinas tiveram início na primeira semana de setembro e foram estruturadas a partir de uma metodologia de produção textual inspirada em obras autobiográficas, como *Em busca de mim*, de Viola Davis; e *A sapatilha que mudou meu mundo*, de Ingrid Silva. O trabalho contou ainda com o apoio das professoras Márcia Daniela Fernandes e Valdeci Rocha, do CED 1. "As professoras conheciam as internas, então fizeram essa ponte de contato que trouxe mais confiança para elas. Logo na primeira oficina, nos apresentamos e falamos sobre a nossa vida e trajetória, para ter uma proximidade. Quando nos abrimos, elas entenderam a proposta e se abriram também", contou Camila.

Ed Alves/CB/DA Press



Obra de Raquel Tiveron (E), Diogo Abe Ribeiro e Camila Oliveira é uma iniciativa conduzida pelo Nupri, do MPDFT, em parceria com a Penitenciária Feminina e o CED 01

Secom/MPDFT



Os relatos reunidos no livro escancaram realidades recorrentes de abuso, violência e abandono

exigiu atenção às particularidades do grupo. Durante as oficinas, Diogo era o único homem presente na sala e buscava criar um ambiente seguro e acolhedor. "Sempre trabalhei com muitas mulheres, então eu validava aquilo que elas traziam. Quando levamos um contraponto em relação ao pensamento de que todo homem faria as coisas pelas quais elas passaram e falávamos que não precisava ser daquela forma, mudava um pouco a mente também, fazia elas pensarem que poderiam escolher alguém que proporcionasse uma relação saudável", lembrou.

Camila ressaltou que a troca de vivências ajudou a aproximar realidades aparentemente distintas. "Quando estávamos conversando, eu abri muito minha vida para elas e compartilhei momentos muito difíceis que vivi. E acho que víamos o quanto os caminhos acabam sendo traçados e nos levam a lugares diferentes, que tem muita coisa envolvida. E elas conseguiam trazer essa reflexão, que poderiam sair e fazer diferente mesmo com o que já havia sido trilhado", contou.

Humanidade

A promotora de Justiça Raquel Tiveron, que atuou como gestora do projeto, lembrou um dos momentos mais marcantes durante o evento de lançamento do livro, realizado em dezembro do ano passado, na PFDF. "Percebi um olhar de

felicidade e gratidão quando elas foram referidas como autoras do livro. Pela primeira vez, pararam de serem vistas como presas, internas e reeducandas. Sempre na posição de uma pessoa que tem que aprender e ressocializar. Naquele momento, quando foram denominadas autoras, elas viam a dignidade e capacidade delas", lembrou.

Raquel também destacou como a experiência impactou sua percepção pessoal sobre a população carcerária. "Geralmente olhamos o crime, não o criminoso. Então o crime que definiria a pessoa. Agora, pela primeira vez, fomos olhar a vida do criminoso. E eu tentei, à medida que lia o livro, traçar um perfil dessas pessoas, tentar achar uma lógica, mas isso não é possível, porque são histórias muito ricas de pessoas reais", afirmou.

Para a promotora, iniciativas como essa contribuem diretamente para o processo de ressocialização e para a reinserção dessas pessoas na sociedade. "Traz a autorreflexão, o pensamento nas escolhas e consequências e saber que você é capaz de, literalmente, reescrever a própria história é super importante. E trazer isso para a sociedade também, refletir nosso papel como fatores psicológicos, sociológicos e econômicos interferem", relatou.

Fora das vendas para ajustes logísticos, a expectativa é que *Além das Grades, Dentro de Mim* passe por uma nova edição e seja relançado ainda este ano.